

mas o regresso à normalidade ainda vai demorar

Covid deixa mais de 4 mil cancros por diagnosticar

VERA LÚCIA ARREIGOSO

A pandemia mantém o Sistema Nacional de Saúde fechado aos cuidados não urgentes há mais de um mês e os efeitos adversos vão surgir. Sensível à demora, a oncologia é das áreas mais afetadas. Os prestadores garantem que ficaram por fazer 20 milhões de atos, a maioria exames de diagnóstico e análises clínicas, e a Liga Portuguesa Contra o Cancro parou os 30 mil rastreios mensais a tumores. O prognóstico não é bom: mais de quatro mil pessoas estarão com cancro sem saber.

A estimativa sobre a ausência de diagnósticos de doença oncológica é feita pela Sociedade Portuguesa de Gastroenterologia (SPG). Só na área dos cancros do aparelho digestivo, são detetados todos os meses, em média, 1440 tumores, nomeadamente através de colonoscopias, endoscopias e outros exames que desde a pandemia praticamente deixaram de se realizar.

Com base nos dados mais recentes do Globocan, o observatório de cancro da Organização Mundial da Saúde, os especialistas admitem que o primeiro mês de suspensão desta atividade terá impedido, no total, o diagnóstico de 4849 novas neoplasias. Entre elas, 856 colorretais, 581 da mama, 551 da próstata, 440 do pulmão, 240 do estômago ou 135 do pâncreas.

Só através do programa de rastreio do cancro da mama da Liga Portuguesa contra o Cancro, realizado à margem da rede para exames e análises, estarão por identificar 75 novas doentes. Em média, em cada mil rastreios 2,5 dão positivo e por mês são feitos 30 mil.

Mas é o fecho da atividade programada na generalidade dos privados e dos hospitais públicos que está a adiar a má notícia. "No último mês, desde que o Governo decidiu suspender tudo o que não fosse urgente, estão congelados mais de dez milhões de atos só para utentes do SNS e mais de 20 milhões se incluímos os beneficiários de subsistemas de saúde, como a ADSE", afirma Abel Bruno Henriques, secretário-geral da Federação Nacional dos Prestadores de Cuidados de Saúde. E explica: "Produzimos mais de 90% dos atos em ambulatório, portanto o SNS está congelado. Temos contabilizada uma redução de 80% nas análises clínicas, 95% na imagiologia e 100% em exames de cardiologia ou de gastroenterologia, como endoscopias ou colonoscopias, por exemplo."

Abel Bruno Henriques resume: "É uma pandemia paralela, que resulta do adiamento do diagnóstico e tratamento das restantes patologias." As únicas áreas que se mantêm são a diálise e a radioterapia.

Além da falta de exames, também não há acesso a consultas presenciais. "As primeiras consultas estão reduzidas e é muito difícil fazer diagnóstico por telefone, e além disso os doentes têm medo de ir ao hospital", explica o presidente da SPG, Rui Tato Marinho. "Estamos preocupados com os efeitos colaterais da covid. A pandemia está a matar 20 a 30 pessoas por dia e só os cancros do

aparelho digestivo matam 24 a 25. A grande maioria não tem 80 anos como as vítimas da covid", alerta. Outro exemplo apontado é o transplante hepático, "que está parado em Lisboa por falta de profissionais, que se contaminaram, e já morreram pessoas" (ver texto ao lado).

Responsável pelo Programa para a Área das Doenças Oncológicas, da Direção-Geral da Saúde, José Dinis não tem dúvidas de que "a oncologia devia ter também um gabinete dedicado, como a covid-19, pois um atraso pode comprometer a sobrevivência". O Governo sempre disse que as doenças oncológicas são prioritárias, mas só as três unidades do Instituto Português de Oncologia (IPO) têm conseguido manter a atividade, ainda que com adaptações.

Doentes têm medo de ir ao hospital

"Vários colegas têm-me dito que têm de telefonar para convencer os doentes a virem às consultas ou até a vir fazer a quimioterapia. Estão a faltar muitos doentes no hospital de dia", conta o responsável da DGS e investigador do IPO-Porto. "Neste momento já existem mais condições e é preciso avançar, pois o Portugal profundo" vive dos prestadores privados convenacionados. Vai ser precisa muita arte e engenho para recuperar o atraso."

E é na recuperação que o presidente da liga contra o cancro tem vindo a pensar. "Nota-se uma diminuição de procedimentos, por exemplo de radioterapia, e há alguns adiamentos de cirurgias, mas estou convencido de que os hospitais estão a conseguir organizar-se. Depois da decisão do Governo, a Liga estará pronta

para em dois ou três dias começar a dar resposta, embora com menos rastreios por dia para proteção de todos. A prioridade será para a aferição de exames", afirma Vitor Rodrigues. "Estamos a perder algum tempo, mas terá uma consequência muito reduzida no prognóstico."

A margem do "SNS suspenso", os IPO asseguram que, tanto quanto possível, tudo tem sido feito para manter os cuidados. "Temos ajustado a dinâmica funcional, sendo que tudo o que era urgente foi tratado como urgente. Continuamos a ter consultas — as não presenciais subiram de 191 para 1650 — e mantivemos a capacidade de resposta em tratamentos, sempre que possível substituindo as terapêuticas endovenosas por orais para reduzir a permanência no IPO. Implementámos também o fornecimento de medicamentos em ambulatório", adiantam os responsáveis do IPO-Coimbra.

Em Lisboa, o IPO também se adaptou. "Realizamos primeiras consultas e mantivemos todas as de seguimento. Nos casos em que se considerou não haver prejuízo para os doentes, fizeram-se teleconsultas ou remarcações. Mantivemos a atividade cirúrgica e aumentámos os tratamentos de quimioterapia, radioterapia e imuno-hemoterapia."

Na região mais atingida pela covid-19, foi preciso adiar alguns cuidados e o IPO-Porto já está focado no dia seguinte. O hospital estima uma redução de 6% nos mais de 100 mil atos assistenciais, de 5% nos internamentos e de 10% nas cirurgias. Já as consultas por telefone aumentaram 4% e foram realizadas mais de 200 sessões diárias de quimioterapia.

"Estamos a trabalhar prioritariamente num plano de recuperação para que o impacto da pandemia no acompanhamento regular de doentes seja o menor possível. Acreditamos que a maioria dos casos virão a ser diagnosticados nos próximos dois a três meses. Em algumas situações, tal não terá um impacto clínico significativo, mas em outras o potencial de impacto negativo é relevante", afirma o presidente do IPO-Porto, Rui Henrique. Numa ideia é taxativo: "Não vai haver um regresso à normalidade" mas sim uma "evolução para uma nova normalidade" e é de esperar que a "nova normalidade" implique uma eficiência inferior ao que estávamos habituados."

Mas não é só no cancro que há efeitos adversos da pandemia. "A patologia grave, como enfarte ou AVC, cuja precocidade de tratamento melhora muito o prognóstico, diminuiu na Urgência. Tromboses, tromboembolias e intervenções coronárias na fase aguda diminuíram 26%. É muito preocupante", alerta Luís Campos, presidente da Comissão de Qualidade da Federação Europeia de Medicina Intensiva. O especialista refere ainda que "há descompensação de doenças crónicas porque os doentes não estão a ir ao médico ou fazem-no tarde, enquanto outros sofrem mais tempo, com o adiamento das cirurgias". Luís Campos alerta: "É preciso retomar a atividade, garantindo a proteção."

A ministra da Saúde afirma que o SNS vai reativar os cuidados programados, suspensos a 16 de março, mas ainda não explicou como. O Expresso tentou saber qual é a estratégia, mas não teve resposta.

verelgioso@expresso.pt



TESTES Portugal continua a ser dos países com o maior número de análises realizadas 315.758 testes. Também já em preparação estão as análises

Menos 60% de transplantes quando mais se necessita deles

Necessidade de transplantar corações e pulmões aumentou, mas as doações caíram drasticamente. Cirurgias eletivas estão suspensas

A vida de Paula Martins, de 56 anos, chegou a ter data marcada para mudar: 31 de março. Mas a pandemia não permitiu que o transplante renal de dador vivo, há muito aguardado, acontecesse. Agora, a data fundamental é outra — 4 de maio —, quando deverão ter início as sessões de diálise. Insuficiência renal desde 1994, consequência de uma gravidez mal sucedida que a transformou em doente crónica, esta administrativa de um centro de saúde em Gaia está inconsolável.

"Estou desesperada, a minha vida parou. Os resultados das análises pioraram e eu, que tentei tanto não entrar em diálise, agora não vou escapar", desabafa. As consultas no Hospital de Santo António, no Porto, passaram a ser feitas pelo telefone, e o que mais a assusta é não haver um fim à vista: "Quando pergunto quando poderei ser operada, respondem apenas 'em breve'." Se tudo correr bem, espera ser finalmente operada em setembro.

Paula é um exemplo da quase paralisação dos transplantes desde o início da fase de mitigação da pandemia. As

ESPERA

300

mil consultas com o médico de família, 180 mil consultas hospitalares e nove mil cirurgias não foram realizadas no SNS durante o mês de março, contabiliza o Ministério da Saúde

30

mil mamografias foram adiadas. Estima-se que 2,5 por mil mulheres rastreadas têm um resultado positivo, ou seja, não terão sido diagnosticados 75 novos cancros

90%

dos atos em ambulatório (exames, análises e vários tratamentos) são prestados por privados, fechados desde meados de março